

# A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL RUMO AO DESENVOLVIMENTO HUMANO



**Márcia Leitão**

Pós-graduada pelo Programa Observatório de Inovação do Turismo/OIT da FGV/RJ e bacharel em Comunicação Social pela Faculdade da Cidade (hoje, UniverCidade), Márcia Leitão é assessora técnica da Gerência de Desenvolvimento Educacional da Diretoria de Educação Profissional do Senac Nacional.

E-mail: marcialleitao@senac.br

**Márcia Leitão** – Em seu livro “Formación laboral para el desarrollo humano”<sup>1</sup> a Sra. critica a valorização da eficiência na educação mediante o estabelecimento da relação entre escolaridade e nível de vida da população. Qual o grande malefício dessa valorização, em especial, na definição de políticas públicas para educação?

**Clarita Franco** – A valorização da eficiência que critico é realmente um alerta ao conceito de eficiência como impacto da educação, unicamente com foco na produtividade técnica do indivíduo. Para mim a educação, em quaisquer dos níveis e modalidades, deve ter como fim primordial a formação integral, isto é, a formação científica-técnica-ética da pessoa trabalhadora. Hoje em dia o processo de produção – em grande ou pequena

*É possível adotar uma proposta mais humanista e menos eficientista visando à educação e à formação para o trabalho? Esta é a questão central que a filósofa Clarita Franco de Machado, consultora da OIT/Cinterfor, se propôs a refletir e a apresentar caminhos para sua efetivação. Nessa entrevista, a filósofa Clarita Franco e a jornalista Márcia Leitão trocam impressões sobre um novo modelo de formação profissional que contempla as dimensões científica, técnica e ética: uma formação integral, da qual a América Latina é palco importante ao dar mostras de um saber autônomo, capaz de questionar e corrigir problemas que ameaçam a sobrevivência de nossa civilização, como o consumo desmedido e o crescimento econômico desvinculado da preservação de recursos naturais e culturais. Ao retomar conceitos e fundamentos apresentados, em 2008, na obra Formación laboral para el desarrollo humano, reafirmando o papel do trabalho como expressão da sociedade, Clarita Franco defende a adoção de programas de formação laboral baseado em competências de caráter integral. Para a consultora, “uma ética mundial, seus princípios respeitados universalmente, somente será possível se, em todos os países, as pessoas forem integralmente formadas e não preparadas como peças do xadrez de uma injusta divisão internacional do trabalho”.*



**Clarita Franco de Machado**

Doutora em Filosofia pela Universidade de Toulouse, na França. Licenciada em Filosofia pela Universidade Nacional de Colômbia. Consultora do Centro Interamericano para o Desenvolvimento do Conhecimento em Formação Profissional (Cinterfor), órgão vinculado à Organização Internacional do Trabalho (OIT). É autora de vários artigos e do livro “Formación laboral para el desarrollo humano”, editado pela Cooperativa Editorial Magisterio (Bogotá/Colômbia).

E-mail: cfrancodemachado@yahoo.com.

escala –, precisa em todos os setores da economia de pessoas formadas para compreender o processo de produção, a gestão e as finalidades do processo. Tal conceito do trabalhador está baseado na visão da pessoa não como uma peça a mais do processo ou da tecnologia, porém como o sujeito que pensa, aplica a inteligência, a sua vontade e, portanto, seus valores no fazer do seu trabalho, tornando-os parte importante do seu desenvolvimento humano integral nas dimensões racional, prática, ética, política, social.

**Márcia Leitão** – A Sra. considera falaciosos os discursos em defesa da elevação da escolaridade das populações menos favorecidas como instrumento para garantir melhores salários e condições de vida? Por quê?

**Clarita Franco** – Um investimento em educação com o critério único de responder aos condicionamentos impostos pelas

<sup>1</sup> Obra a “Formación laboral para el desarrollo humano” encontra-se disponível em versão e-book no site: <<http://www.todoebook.com>>.

empresas em termos de qualificação técnica para o uso de uma tecnologia que muda constantemente, apenas para beneficiar a produção e o mercado em mudança contínua, não resolve o problema da desigualdade social, a pobreza, o desemprego. A educação para o trabalho não pode ser organizada unicamente para dar atenção a demandas restritas de treinamento. Deve, pelo contrário, promover a educação de pessoas capazes de aplicar na vida laboral as suas competências técnicas, éticas e intelectuais de forma a participar, criativa e responsabilmente, da gestão dos processos produtivos, objetivando o fortalecimento da comunidade em geral. O treinamento do trabalhador em função de interesses particulares limitados só cria novas formas de iniquidade social.

**Márcia Leitão** – *Em sua obra, a Sra. destaca o conceito de “mudança de atitudes”. Poderia explicar por que “mudança de atitudes constitui a chave para estudos de custos e o coração dos benefícios”?*

**Clarita Franco** – Porque só quando as pessoas evoluem em atitudes favoráveis ao crescimento de estruturas sociais e políticas abertas à participação e à criatividade responsável dos cidadãos os esforços e os investimentos na educação serão duradouros e significativos para a humanidade. A análise de custo/benefício não pode ser só em termos de quanto dinheiro se coloca para o processo de produção e quanto benefício financeiro vai ter quem coloca os recursos financeiros. A educação, abrangendo a formação de pessoas em diversas etapas de seu desenvolvimento, precisa não só calcular a relação entre os insumos ou componentes necessários ao processo produtivo e o lucro derivado do mesmo. Mas, além dessa relação precisa-se valorar os resultados a longo termo e seu impacto no equilíbrio e no benefício social.

**Márcia Leitão** – *Hoje, no Brasil, muito se discute a integração entre educação formal e educação para o trabalho. No cerne dessa discussão está o desenvolvimento de competências, sejam elas básicas ou superiores. Quais os erros mais frequentes nessa suposta integração, ou quais os grandes desafios ao articularmos formação laboral e educação geral?*

**Clarita Franco** – A relevância dos termos formal e não formal da educação provém de etapas da evolução cultural, quando a educação só valia na medida em que ela era certificada e garantida pelas instituições criadas para “educar”. Hoje em dia, quando se volta a ênfase para a capacidade em forma de competência para fazer, saber e ser, não deveria ser tão relevante saber onde, em que contexto a pessoa adquire a sua educação como formação para viver, trabalhar, ser, nem as certidões oficiais, formais que a acreditam. Em consequência, educação formal e informal são

modalidades complementares da educação durante a vida da pessoa. A chave é a coerência, a complementaridade e a significância entre essas modalidades que a sociedade está obrigada a garantir para todos.

**Márcia Leitão** – *O que a Sra. aponta como verdadeiramente inovador em programas de formação para o trabalho na América Latina e no mundo?*

**Clarita Franco** – Muitas mudanças são necessárias. Algumas estão sendo feitas, outras estão sendo descuidadas ou visualizadas superficialmente. Mudanças indispensáveis são todas aquelas que propõem novos métodos de ensino facilitando os processos de aprendizagem, não só com as novas tecnologias da informação mas também com uma aproximação humana direta entre crianças, adolescentes, jovens e adultos, com o saber e as particularidades de cada um sendo reconhecidos e valorados; com as novas ideias sendo valorizadas; em que as relações nas famílias, nas instituições escolares, nos centros de formação laboral e nas comunidades sejam abertas, respeitadas, construtivas, chegando a ser a sociedade a verdadeira organização que forma

para ser, fazer, saber, se comunicar, em forma construtiva e criadora. São necessárias mudanças também quanto aos conteúdos da educação, aproveitando a informação melhor fundamentada para ser divulgada por meio de meios eletrônicos, da leitura, do domínio de diversas línguas, do conhecimento científico e tecnológico que abrange o universo, a valoração do próprio, seja cultura, País, região, com todas suas potencialidades e recursos de toda natureza. A América Latina é hoje a esperança de muitos porque está

dando mostras de saber ser autônoma e encontrar corretivos para antivalores assimilados com o lucro como fim último da vida humana, estritamente conceituado como uma circulação de dinheiro sem substrato em bens e serviços reais acessíveis a todas as pessoas.

Na formação para o trabalho, como na educação em geral, as inovações estão sempre dentro das possibilidades culturais de cada grupo humano. Conheço inovações valiosas em comunidades indígenas, urbanas, rurais, de grandes e pequenas empresas, em termos de desenvolvimento de valores, competências de todo tipo, desde comunicação interpessoal até recuperação de competências valoradas tradicionalmente e recuperadas e sistematizadas hoje no campo da saúde, por exemplo. Países como Brasil têm inovado continuamente no que se refere a modernizar métodos e técnicas de aprendizagem em consonância com avanços científicos e tecnológicos. A própria organização responsável pela formação laboral em alguns países da América Latina tem evoluído em direção ao atendimento de demandas e possibilidades atuais: no interior das instituições são desenvolvidos processos de pesquisa,

A educação para o trabalho não  
pode ser organizada unicamente  
para dar atenção a demandas  
restritas de treinamento.

formação e avaliação dos programas que realimentam as programações de modo a atender as necessidades atuais com medidas de ordem quantitativa e qualitativa. Tenho a impressão de que nos países mais industrializados as inovações têm privilegiado mudanças de ordem tecnológica e o uso de meios eletrônicos, ficando as inovações reais no fazer da formação laboral nas mãos dos educadores, especialistas e alunos, sendo fundamental fortalecer, portanto, a formação ética e as destrezas intelectuais e valorativas que fazem com que as pessoas sejam responsáveis pela seleção, assimilação e aplicação da informação circulante nas redes. É preciso ultrapassar, assim, o conceito que reduz a formação à simples acumulação de informação.

**Márcia Leitão** – *Seu livro apresenta uma proposta de “formação laboral de caráter integral”. Qual o grande diferencial dessa proposta e de que forma ela se alinha ao conceito de equidade social?*

**Clarita Franco** - Equidade social é fim e meio na formação integral da pessoa. A pessoa, desde a infância, vai adquirir um valor de si, dos outros, do mundo, dependendo das condições de vida no entorno natural e sociocultural. A iniquidade social, tanto para a criança de lar privilegiado economicamente como para o não privilegiado, tem só duas vias no autoconhecimento, a construção de imagem de si mesmo, dos outros, do “mundo” circundante. Essas duas vias são aceitação ou rejeição. Qualquer

—

*Equidade social é fim e  
meio na formação integral  
da pessoa.*

—

uma dessas opções será predominante, dependendo das aprendizagens de ordem comunicativa, social, simbólica e valorativa expressas na linguagem, nos valores, nas percepções, nas relações adquiridas ou construídas desde a infância até a idade adulta. Considero que do início e ao longo da vida cada pessoa é em si mesma uma possibilidade viva de desenvolver capacidades sensíveis, racionais, afetivas, éticas, estéticas, espirituais e sociais que fazem de si um ser humano integral, em que a equidade social é condicionante e ao mesmo tempo resultante da ação das pessoas formadas integralmente. Pessoas nas quais a formação como trabalhadores está definida unicamente como aquisição de destrezas técnicas e tecnológicas, junto com o lucro como propósito final da formação e do trabalho próprio ou dos outros, não evidenciam uma formação integral e não garantem sua participação positiva na perspectiva de atingir a equidade social como um benefício para si mesmo e para os outros.

**Márcia Leitão** - *Como qualificar “desenvolvimento humano” dentro de um contexto de economia globalizada? Como o trabalho e a formação para o trabalho se relacionam a esse conceito?*

**Clarita Franco** - Este é um tema às vezes tratado sem suficiente profundidade, sendo na realidade bastante complexo. É complexo porque tem a ver com quatro conceitos fundamentais: pessoa, trabalho, sociedade e suas inter-relações dentro de processos em contínua evolução, a construção da realidade social, a formação contínua das pessoas e as relações econômicas em contínua mudança. Minha proposta que – com certeza não é só minha – pode ser sintetizada assim: desenvolvimento humano como processo contínuo das pessoas para estas sejam capazes de se comunicar simbolicamente aplicando sua razão, sua sensibilidade, sua afetividade, sua compreensão de si e dos outros, sendo capazes de transformar a realidade do entorno de acordo com valores éticos e culturais. A sociedade deve ser visualizada como conjuntos de menor ou maior amplitude, desde a família até a sociedade global, de pessoas que estabelecem relações necessárias para a sobrevivência, o desenvolvimento de suas capacidades, a expressão através do ser, pensar, agir, comunicar. Essas manifestações do ser humano ocorrem dentro de marcos dados ao indivíduo ao nascer, mas que são potencialmente modificáveis pela ação dos seres humanos organizados.

Dentro desses marcos, a utilização e a produção de bens/serviços são mantidas ou transformadas por meio das relações de poder, nas quais os valores dos indivíduos definem as mudanças, as finalidades e os ritmos das mudanças. Sendo assim, dentro desses marcos de relações a educação, vista como o desenvolvimento de comportamentos, valores, competências e conhecimentos que serão manifestos em atitudes ao longo da vida, é um processo contínuo no qual a pessoa desenvolve suas capacidades nos núcleos familiar, escolar, comunitário e cultural próprio, projetando-se, hoje, nas relações econômicas que, por efeito da comunicação virtual, aceleram e fazem mais complexa a tomada de decisões nos negócios, integrando núcleos humanos menores situados a grandes distâncias. Antes era impensável tê-los como partícipes de um processo de produção.

Mão de obra barata de países menos industrializados, usada na produção de bens que são comercializados em lugares distantes dos centros produtores, a preços de produtos e/ou de matéria-prima que fogem das normas de cada país, constituem uma economia que exige uma ética globalizada baseada no respeito dos recursos tanto físicos como culturais e humanos de cada comunidade, nação, região, cultura. Uma ética mundial, com seus princípios respeitados universalmente, somente será possível se em todos os países as pessoas forem integralmente formadas, não sendo apenas peças de xadrez de uma injusta divisão internacional do trabalho. A formação integral deve ser universal, pois as decisões econômicas têm que ser favoráveis aos seres humanos em geral, devendo ser formuladas e controladas por cidadãos de todos os países. A globalização da economia exige a atuação de uma ética mundial compartilhada.

**Márcia Leitão** – *O Brasil sedion, agora em junho, a Conferência Mundial de Desenvolvimento Sustentável Rio+20, e um dos temas em debate refere-se à necessidade de criar um novo indicador que não o PIB (Produto Interno Bruto) para mediar o nível de desenvolvimento de um país. Qual a sua opinião sobre essas discussões e como seu livro traz luz a esse debate?*

**Clarita Franco** – Eu considero mais útil o emprego de índices de desenvolvimento humano para todos e para cada um dos países e comunidades. Produto bruto, em termos de produção de bens e serviços, é curto demais. O desenvolvimento humano faz a relação entre parâmetros mais compreensíveis, tais como o acesso ao trabalho, não só como trabalho dependente, mas também como trabalho associado, formas de economia solidária, por exemplo. São marcos de referência amplos em termos de nível de equilíbrio social, distribuição do ingresso no mundo do trabalho e, principalmente, da qualidade humana do trabalho. Esse é um parâmetro que está ainda muito longe de ser compatível com uma economia global eticamente direcionada. Em alguns países os indicadores de trabalho de qualidade não existem. Em outros só se referem à relação entre salários e o mínimo necessário para sobreviver. Em outros, abrangem fatores como acesso a bens culturais, saúde, educação, comunicação, educação permanente. Acho que uma tarefa para hoje é atingir acordos internacionais para estabelecer e vigiar esses fatores derivados de uma visão integral da pessoa e da sociedade, como dito anteriormente. Alguns dos capítulos do meu livro propõem elementos para a formação de pessoas que sejam responsáveis de dar cumprimento a tarefa tão urgente. Trata-se de pensar o desenvolvimento social segundo a complexidade e a grandeza do ser humano, e não só em função do dinheiro circulante entre os diversos grupos humanos por meio da produção e venda de bens.

**Márcia Leitão** – *São frequentes as críticas à pedagogia baseada em competências como um modelo que ratifica os princípios e valores neoliberais. A Sra. defende um modelo de formação para o trabalho baseado no desenvolvimento humano integral. Quais as características fundamentais desse modelo? É correto considerá-lo como uma evolução da pedagogia de competências?*

**Clarita Franco** – É sim. A “onda” da formação por competências, da mesma forma que outras modas anteriores em educação, parte da exigência que o setor produtivo faz ao setor educativo para que os trabalhadores disponham das habilidades cognitivas e técnicas necessárias ao seu desempenho dentro do processo de produção. Tudo bem, dependendo de quem, como, para que fins a mencionada ferramenta pedagógica seja aplicada. O que eu compartilho no livro em referência, e tenho desenvolvido em projetos reais de trabalho de formação laboral em diversos países, refere-se a um modelo de formação por competências definida pelos diferentes atores econômicos em cada setor produtivo, em equipes interdisciplinares e interníveis de decisão nas empresas que garantam, na prática da formação, a valoração das capacidades e as expectativas econômicas, sociais e culturais de

*É possível e apaixonante ver  
o entusiasmo e o compromisso  
dos trabalhadores das empresas  
construindo sua formação  
permanente e contínua*



todos os trabalhadores, em toda a pirâmide laboral, nos diversos tipos de empresas.

**Márcia Leitão** – *Como fica o desenho curricular dos programas de formação laboral baseado em competências de caráter integral? O que traz de novo em relação aos desenhos curriculares tradicionais?*

**Clarita Franco** – Minha experiência nesse campo me autoriza a dizer que é possível em diversas culturas, em diferentes níveis de desempenho e setores produtivos construir programas de formação laboral por competências de caráter integral onde se articulam, pedagogicamente, conhecimentos científico, técnico, valorativo, ético e estético. É possível e apaixonante ver o entusiasmo e o compromisso dos trabalhadores das empresas construindo sua formação permanente e contínua dessa forma, analisando o seu desempenho e o próprio programa periodicamente. Vêm-se também os resultados nos processos de produção e o benefício para as pessoas que, ao longo dos programas, são capazes de desenvolver saberes teóricos e práticos aplicáveis a novos desafios derivados de mudanças técnicas e organizacionais nas empresas. No livro apresento exemplos práticos de tais experiências.

**Márcia Leitão** – *Enfim, é possível sonhar com um modelo de educação para o trabalho “humanizado” e mais adequado ao contexto e aos aspectos culturais da América Latina?*

**Clarita Franco** – Não somente sonhar... podemos já ver resultados de estruturas de emprego e decisões de política de emprego que fazem parte da política social, sempre lideradas por pessoas capazes de trabalhar nos diferentes níveis da economia, contribuindo com seu saber, respeitando e aceitando o saber dos outros. A América Latina, por sua história, cultura, riqueza humana e natural, pode e deve continuar sendo motivo de atenção e até de surpresa para outros países, como tem acontecido com a presença do Brasil em recentes fóruns internacionais. Somos capazes de promover, mediante uma formação integral dos trabalhadores, empresários, gestores, cidadãos em geral, novos modelos de uma organização do trabalho favorável ao desenvolvimento humano integral em diversos povos da região e do mundo.